

---

HOMERO. *Odisseia*. Edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2011. 816 p. ISBN 978-85-7326-468-5

---

As viagens de Odisseu têm encantado o mundo, geração após geração, por quase três mil anos. Seus temas e motivos são modelares, universais. A estrutura do mito de Odisseu, desde sua partida de Ítaca até seu retorno, representa um dos exemplos mais clássicos do *monomito*, da *Jornada do Herói* segundo a aceção de Joseph Campbell.

Deixando casa, mulher e filho recém-nascido a contragosto, Odisseu passa por inúmeras provações, tanto em terra quanto em mar. Entre monstros incivilizados e mulheres tentadoras, o herói experimenta uma espécie de morte simbólica ao descer para o Hades em busca de guiamento. Recebe auxílio sobrenatural de diversas entidades e principalmente de Atena. Chega à terra paradisíaca dos Feácios e, enfim, consegue retornar para Ítaca, onde restabelece a ordem cívica por meio da matança dos pretendentes e da reconquista de seu posto régio.

Partida, morte, ressurreição e retorno. A estrutura geral do mito é tão bem construída quanto suas partes individuais e todos os pequenos detalhes narrativos que o fazem uma das histórias preferidas do ocidente há tantos séculos. A narrativa *in medias res*, em que Odisseu discorre acerca dos eventos anteriores à sua chegada na terra dos Feácios, tornando-se o próprio narrador de grande parte do poema, é de uma genialidade impressionante para um texto tão antigo. O mesmo se pode dizer da dupla ótica da narrativa, que se alterna, cuidadosamente, entre a aventura de Telêmaco e a

de Odisseu, até que pai e filho se reencontrem em sua terra natal.

Um poema de temas atemporais, moldado numa estrutura tão bem construída quanto a de um romance ou de um filme contemporâneo, sem dúvida, a *Odisseia* tem muito a nos dizer e sempre terá enquanto houver alguém para lê-la ou para cantá-la. No entanto, a nossa *Odisseia* não é a mesma que a dos gregos antigos, nem será a mesma que se lerá amanhã ou depois.

A *Odisseia* dos gregos, como se sabe pelos estudos de Parry e Lord, foi fruto de uma longa tradição oral, em que uma sucessão de aedos trabalhou para o aprimoramento e para a expansão do poema, até que atingisse uma forma mais ou menos como a que temos hoje por escrito. A nossa *Odisseia*, por sua vez, é fruto não só dessa antiga tradição, mas também de quase três mil anos de leitura e de interpretação, de mudanças sociais, políticas e religiosas, de guerras e de eventos que se associaram, em nosso imaginário, aos próprios eventos da história de Odisseu. Em meio a isso tudo, no entanto, a nossa *Odisseia* é também o produto de uma *tradição de tradutores*.

Aqui cabe a resposta a uma pergunta que talvez se faça ao receber a notícia de mais uma tradução da *Odisseia*: era necessário traduzi-la novamente?

Talvez não fosse necessário, num sentido simplista, mas, sem sombra de dúvida, foi algo muito bem-vindo. Cada nova tradução da *Odisseia* é, em primeiro lugar, uma oportunidade renovada de reler a épica de Homero sob uma perspectiva diferente. Assim como o monomito é recontado continuamente, sob caracteres distintos, em cada uma das histórias que seguem o padrão da *Jornada do Herói*, também os textos antigos

são renovados a cada nova tradução. A de Trajano Vieira tem o mérito de compreender perfeitamente essa missão e inserir-se numa tradição bem-definida, a que pertencem, entre outros, Odorico Mendes, Carlos Alberto Nunes e Haroldo de Campos, cujas traduções, somadas à de Vieira, começam a configurar um tesouro nacional: uma tradição de traduções de Homero.

Trabalhando com grande liberdade, Vieira utiliza tanto o léxico já existente em língua portuguesa quanto termos novos que ele cunha a partir da semelhança morfológica com os vocábulos gregos. Essa liberdade de trabalho reflete uma característica existente na própria poesia de Homero, que empregava uma linguagem artificial, onde palavras novas e antigas coexistiam em prol da criação do poema. Nela, portanto, a linguagem contemporânea (à época) se misturava a arcaísmos e às inovações linguísticas dos poetas que trabalhavam no poema. Vocábulos não só podiam ser criados pela junção de radicais e afixos [1], mas também decompostos em partes isoladas, resultando na *tmese* [2] que Vieira também emprega em sua tradução de modo inovador:

... Com macrolança [1], o herói feria, próximo,  
o Damastóride, e o filho enterra a seta  
no ventre de Leócrito Evenoride:  
per(bronze)passa-o [2] ... (xxii.294-7).

O empenho de Trajano Vieira, assim como foi o de Odorico Mendes e de Haroldo de Campos, é definitivamente o de adaptar o Português para conter o Grego, e não mudar o Grego para se encaixar no Português. Suas inovações não são apenas lexicais e sintáticas, como as vistas acima, mas chegam também até o empréstimo direto de termos-chave do texto grego, acompanha-

dos de sua tradução ou de uma explicação dentro do próprio texto do poema:

sem temer a vingança, *nêmesis* dos homens  
(xxii.40)

vagueava, a fúria de *Ate* na mente demente  
(xxi.302)

... E aguentaste até que a *métis*  
– solércia do pensar – te retirou da furna  
(xx.21)

...Aurora  
*rododáctilos*, dedirrósea ...  
(xiii.17-8).

Essa estratégia de Vieira não é um mero ornamento, como talvez se possa pensar. Com efeito, a presença desses termos gregos colabora para dar maior enfoque e vida a conceitos importantes do poema, que nem sempre são chamativos o bastante para um leitor contemporâneo. Quando os gregos antigos ouviam um termo como *kléos*, ele não era uma *glória* descontextualizada, como a nossa talvez seja. A palavra tinha um eco profundo em toda a tradição heróica que tratava do tema, bem como na própria experiência de vida do indivíduo, num mundo onde a *glória* era um fator mais presente do que no nosso. Dessa forma, ao apresentar o termo em Grego, Vieira nos alerta ao fato de que ali reside um conceito importante, alheio à nossa realidade, e que merece uma atenção dobrada. Com isso, ele nos ensina Homero a partir do próprio Homero, dispensando uma nota de rodapé para tanto.

A complexidade lexical do texto de Vieira, no entanto, não compromete a sintaxe do poema, que é geralmente simples, assim como a do texto grego. Para alcançar essa sintaxe simples num verso de menor extensão que a do original, no entanto, Vieira muitas vezes é obrigado a ser bastante sinté-

tico, ou mesmo deixar de traduzir algumas das fórmulas mais repetitivas. O verso formular abaixo, por exemplo, o qual introduz falas de Palas Atena, recebe duas traduções bastante sucintas no primeiro canto:

τὸν δ' αὐτὲ προσέειπε θεὰ γλαυκῶπις Ἀθήνη·

Atena, olhos azuis... (i.177)

Atena... (i.221).

O tamanho da perda que se tem com isso depende, sem dúvida, do quanto se lê a partir de um epíteto. No mínimo, no entanto, é possível dizer que se trata de um afastamento da mentalidade do texto original. Da mesma forma, pode-se argumentar que ter apenas um nome introduzindo uma fala é algo que quebra um pouco a poeticidade e o calmo ritmo narrativo do texto homérico. No entanto, ao traduzir, é sempre preciso fazer escolhas e cortes, e Vieira certamente os faz de forma consciente, orientado pelas mesmas diretrizes durante o texto inteiro, com um propósito bem-definido. A perda que se tem de um lado, decerto resultante do uso de um verso menos extenso que o original, é compensada pela própria natureza do dodecassílabo, o qual suporta uma variedade maior de acentos e de variações internas do que, por exemplo, o hexâmetro dactílico de que Carlos Alberto Nunes fez uso com bastante primor.

Pode-se imaginar (talvez erroneamente) que, também pela extensão do verso, Vieira não se atenha a uma mesma tradução para os epítetos. Em sua tradução, os olhos de Atena são “azuis” (i.177), “glaucos” (i.314) e “blaus” (vii.47), ainda que neste último caso o tradutor pudesse ter empregado “glaucos” sem modificar o número de sílabas poéticas do verso:

entre os demais, falou-lhe Atena de olhos blaus (vii.47).

Contudo, Vieira parece alterar os epítetos não só por necessidades métricas. Isso se evidencia pelo tratamento de um dos principais epítetos de Odisseu, *polýmētis*, que aparece na tradução de Vieira, por exemplo, como “pluriastuto” (i.174), “multiarguto” (iv.763), “pluriarguto” (v.214), “pluriengenoso” (vii.207) e “multissolerte” (vii.240). Em alguns desses casos, como de “blaus” e “glaucos”, Vieira poderia ter se atido a uma única tradução. No entanto, ele toma uma licença poética da qual Homero também gozava, de variar os epítetos de deuses e heróis de acordo com o que lhe parece mais adequado, seja pela sonoridade, pela métrica, ou simplesmente pela possibilidade de existir uma variedade de epítetos semelhantes. Essa possibilidade é tanto maior no dodecassílabo empregado, que permite o acolhimento a uma grande variedade de termos de diferentes acentuações. Se Vieira tivesse se limitado a repetir a mesma solução para uma fórmula ou epíteto durante o texto inteiro, teria deixado de usar todo o potencial do verso que emprega. Por conta disso, a variedade em seu texto parece ser uma característica positiva, que compensa as possíveis perdas mencionadas anteriormente.

As influências mais diretas de Vieira em língua portuguesa, como ele próprio aponta em seu livro, são Odorico Mendes e Haroldo de Campos. De fato, o tradutor adotou o mesmo verso dodecassílabo de Campos e, como ele, faz uso de um vocabulário invejável e de diversas inovações lexicais, como fazia também Odorico Mendes.

É possível, de fato, sentir a influência de Haroldo de Campos em algumas das

soluções adotadas por Trajano Vieira. Por exemplo, o uso de “priâmea urbe” (v.108, xxi.532) parece ecoar um dos versos da *Ilíada* de Haroldo de Campos:

que a vós os deuses dêem, habitantes do Olimpo,  
derruída a priâmea urbe, um bom retorno à casa  
(I.18-9).

O próprio “derruída” do verso acima também aparece num contexto semelhante na tradução de Trajano Vieira, onde a influência de Haroldo de Campos se mostra talvez ainda mais evidente:

derruída a priâmea cidadela alcantilada  
(xiii.316).

Aliás, o termo “priâmea”, empregado por Trajano Vieira e Haroldo de Campos, já era usado por Odorico Mendes, como se pode ver no verso abaixo, de sua tradução da *Ilíada*:

A Priâmea cidade e as naus atenta (XIII.11).

Entre outros casos, percebe-se ainda, na *Odisseia* de Trajano Vieira, a influência de Odorico Mendes (I.417) pelo uso de “derrirósea”, como se viu em um dos exemplos citados anteriormente, bem como pelo emprego de “alcáçar”/“alcácer” para designar a morada de Zeus:

ODORICO MENDES:  
... e estavam já no alcáçar  
Do Olimpo os habitantes, em concílio (i.22-3)

TRAJANO VIEIRA:  
reuniam-se no alcácer do Cronida olímpio  
(i.27).

Entre outros exemplos da influência desses tradutores sobre Vieira, um dos mais marcantes é o uso comum, entre Campos e Vieira, de “talásseo mar”, que, apesar de

parecer inicialmente um pleonasma, traz para nossa língua uma imagem diferente e inexplicável para a vastidão do mar. Recuperando essa construção empregada por Haroldo Campos nos fragmentos que traduziu da *Odisseia*,<sup>1</sup> Trajano Vieira demonstra sua sensibilidade ao perceber, nessa ousadia tradutória, uma centelha de gênio que merece ser imitada:

HAROLDO DE CAMPOS:  
da guerra e do talásseo mar... (i.13)

TRAJANO VIEIRA:  
terríveis do infecundo mar talássio imerge  
(v.51).

A influência de Haroldo de Campos é, realmente, bastante notável no trabalho de Trajano Vieira. Contudo, o tradutor não se limita, de forma alguma, a apenas copiar seu mentor. Ainda que adote várias das soluções de Haroldo de Campos, Trajano Vieira executa seu trabalho a seu próprio modo. A característica mais marcante disso, que pode mesmo passar despercebida devido à sua própria naturalidade, é a mestria com que o tradutor emprega o dodecassílabo.

Com efeito, Vieira demonstra uma consciência rítmica extremamente apurada. Ainda que tenha adotado um verso de métrica diferente da do original, o tradutor foi capaz de ser fiel à característica rítmica principal do texto grego, que é a fluência constante dos dáctilos e dos espondeus (que numa recitação em Grego tinham uma equivalência temporal, mantendo um

<sup>1</sup> Cito a edição feita pela Olavobrás, que reúne alguns fragmentos publicados anteriormente e outros inéditos: CAMPOS, Haroldo de. *Odisseia de Homero: fragmentos*. Organização: Ivan de Campos e Marcelo Tápia. Apresentação: Trajano Vieira. São Paulo: Olavobrás, 2006.

mesmo ritmo). Vieira, em sua tradução, re-produz essa fluência em versos majoritariamente jâmbicos, alguns de beleza extremamente marcante, como os seguintes:

O vento enfuna a vela e a ôndula de espuma  
Rebenta urlando à quilha do navio que avança  
(ii.427-8)

agora, mêmores do mar que vos estafa,  
o trauma do sofrer atroz impede o riso  
(x.464-5).

Essa fluência rítmica é alcançada, em grande parte, devido às boas escolhas que Vieira faz ao selecionar as palavras para seu texto, evitando hiatos e encaixando as palavras umas nas outras com naturalidade, evitando junções cacofônicas ou que pareçam forçadas. Em termos rítmicos, de fato, parece justo dizer que a tradução de Vieira é mesmo superior à de Campos, que, por vezes focado na imagem e no conteúdo do poema, parecia usar o metro apenas como uma extensão de sílabas a serem preenchidas, e não como uma estrutura rítmica bem-definida. Não que Campos também não tivesse versos de ritmo extremamente bem-trabalhado, mas ele parecia se preocupar menos com deslizes rítmicos e de cacofonia do que Vieira, que é praticamente impecável nesse quesito. Isso se pode perceber em parte nos trechos comparados abaixo:

HAROLDO DE CAMPOS (i.11-3):

To / dos / os / **que** es / ca / **pa** / ram /  
da / **ruí** / na ex / **tre** / **ma**, es / ses  
a / **go** / ra es / **tão** / nos / **la** / res, /  
to / dos / e / les, / **sal** / vos  
da / **guer** / ra e / **do** / ta / **lãs** / seo / **mar**. /  
A O / dis / **seu**, / só a e / le,

TRAJANO VIEIRA (i.11-3):

Não / **há** / um / **só** / he / **rói** / que /  
não / se en / con / tre a / **go** / ra

em / **seu** / so / **lar**, / a / **sal** / vo /  
**do** / mar / **cin** / za e / **guer** / ra,  
ti / **ran** / do o / **nos** / so, / **que** ar / de /  
pe / la es / **po** / sa e / **vol** / ta.

Quando Vieira varia a construção de seu dodecassílabo, ele o faz munido de um cuidado com o ritmo e com a eufonia que não se vê nos versos de Campos citados acima:

O ho / mem / **mul** / ti / ver / **sá** / til, /  
Mu / sa, / **can** / ta, as / **mui** / tas (i.1)

Fil / ha / de / **Zeus**, / co / **me** / ça o /  
can / to / **de** al / gum / **pon** / to! (i.10)

me / nos / Po / **sêi** / don, / **ran** / co / **ro** / so /  
de O / dis / **seu** (i.20)

tou / ros / e o / **vel** / has / **cre** / pi / **tan** / do em /  
**seu** / lou / **vor** (i.25).

No entanto, apesar de ter superado seu sênior nesse aspecto, Vieira não deixa de prestar-lhe homenagem onde ela lhe é devida, empregando as mesmas soluções de Campos em partes de sua tradução, como foi apontado anteriormente.

Para finalizar, é necessário mencionar que a presente edição vem acompanhada do texto grego original, confrontado pela tradução de Vieira. Traz ainda mapas da Grécia homérica, índice onomástico, resumo dos cantos, um posfácio do tradutor, um ensaio de Ítalo Calvino e excertos da fortuna crítica homérica. Juntos, esses instrumentos certamente auxiliarão o leitor leigo a aproveitar melhor o texto e a se situar nas discussões a respeito da épica homérica e da *Odisseia* em particular.

Uma ressalva que se pode fazer, no entanto, é que a tradução de Vieira não é fácil de se ler. Ela requer um compromisso com o texto: um abandono do uso corrente das

palavras em prol de sua sonoridade, bem como um estado de espírito receptivo às inovações lexicais do tradutor. Fora isso, é possível dizer que sua tradução talvez seja mais proveitosa àqueles que já têm alguma noção de Grego e entenderão as nuances com que o tradutor trabalha, as quais acen-  
tuam as próprias características do original.

No entanto, um leitor leigo certamente também terá prazer em lê-la pela poeticidade do texto de Vieira.

Resenha de  
LEONARDO ANTUNES  
Universidade de São Paulo